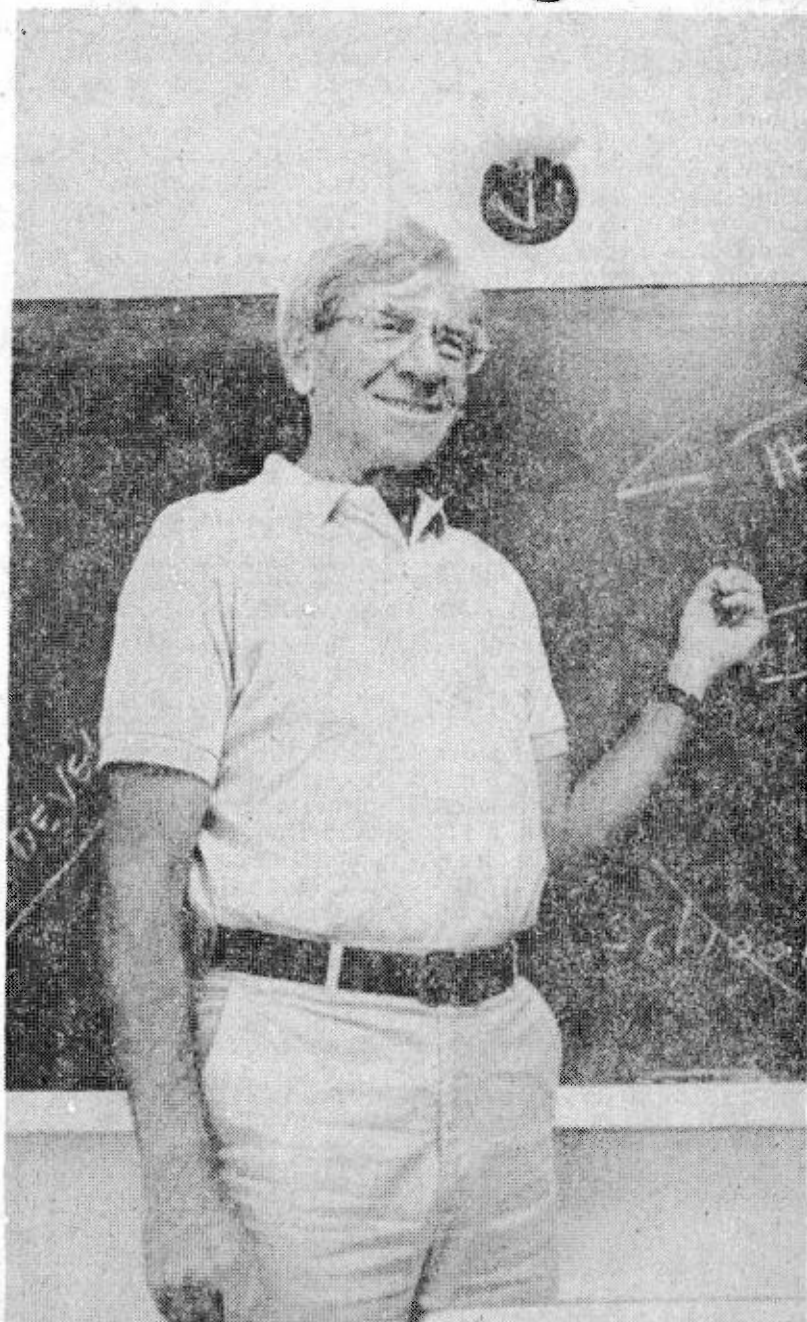


# Havaiano quer unificar teorias da Psicologia

LINA DE ALBUQUERQUE

Sem empregar machadadas violentas, o psicólogo Arthur Staats, da Universidade do Havai, em Honolulu, está empenhado em derrubar diplomaticamente a Torre de Babel que impede psicólogos, psicanalistas e psiquiatras de se entender. Autor de *Comportamento Humano Complexo*, ele está no Brasil a convite da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp) e patrocínio do CNPq para uma série de cursos. Na segunda-feira, às 14h30, fará uma conferência aberta no Instituto de Psicologia da USP.

Na tarde de ontem, Stats recebeu o *Estado* na Puccamp para falar sobre o tema que mais o interessa no momento: a unificação das teorias de diversas correntes da psicologia. Acompanhado das psicólogas Geraldina Porto Witter, Raquel Lobo Guzzo e Vera Lúcia Raposo do Amaral, organizadoras das suas atividades no Brasil, ele explicou por que deseja pôr um fim no "vale-tudo" da Psicologia e unificar estudos que tenham fundamento científico. Trata-se de uma missão espinhosa. Aos 66 anos, porém, ele já enfrentou problemas piores. Morador de uma área associada ao lazer e não à ciência, o psicólogo havaiano eustou a convencer sobre a importância de seu trabalho. Hoje, no entanto, é uma fera temida nas praias científicas dos Estados Unidos.



Arthur Staats: fim no "vale-tudo" da Psicologia

Ari Vicentini/AE

## 'A psicanálise parou no tempo'

**Estado:** Por que os psicólogos, psicanalistas, terapeutas e psiquiatras não param de brigar entre si?

**Arthur Staats:** Por uma série de razões, mas especialmente porque falamos para uma mesma audiência. Isso os torna competitivos. Cada um quer convencer a platéia de que seu ponto de vista é o mais correto. E a competição fica ainda mais acirrada quando motivações econômicas estão em jogo. Nos Estados Unidos, os conflitos entre organizações de psiquiatras e associações de psicólogos são cada vez mais frequentes. Infelizmente existe uma tradição no terreno das ciências humanas segundo a qual a defesa de um modelo envolve, obrigatoriamente, a rejeição de outro.

**Estado:** Em que outras áreas do conhecimento o senhor se apoia para desenvolver a tese da unificação em torno das correntes da Psicologia?

**Staats:** Nas ciências naturais avançadas, como a Física, a Química e a Biologia. Um dia, elas já foram divididas assim como a atual Psicologia. Durante muitos séculos, cada cientista tinha uma teoria própria e não admitia contestação. Hoje há um consenso maior nesses campos diante da busca de uma linguagem e

de um método comuns. As ciências humanas são jovens — nem completaram 500 anos de desenvolvimento. Na Psicologia, as áreas clínicas, sociais e escolares são atualmente independentes, mas precisam ser unificadas. O mesmo se dará com as ciências sociais, políticas e econômicas. Trata-se de um processo lento, mas virá.

**Estado:** E qual seria o primeiro passo nessa direção?

**Staats:** Reconhecer que isso tem de ser feito. As ciências jovens, como é natural nas crianças, insistem em ser diferentes. Essa unificação, é bom frisar, não será realizada de uma única sentada. Precisamos estabelecer semelhanças entre fenômenos aparentemente diferentes. A fobia e o preconceito, por exemplo, têm o mesmo condicionamento emocional. E alguém se lembra disso? Antes de qualquer coisa, os psicólogos precisam aprender a trocar informações. Enquanto um pesquisador desenvolve testes de personalidade, o seu vizinho pesquisa o comportamento animal. Mas nenhum deles se interessa pelo trabalho do outro. E veja que os dois poderiam até se ajudar.

**Estado:** O processo de unificação não poderá dar origem a uma padronização que privilegie os interesses de determinados grupos científicos em detrimento de outros? Como fazer para não torná-lo autoritário?

**Staats:** Não imagino a unificação como um jogo alternativo no qual ou se aceita ou se rejeita. Ela envolve, principalmente, uma grande aceitação de idéias. É claro que não se trata de uma aceitação cega — mas um trabalho sistemático e democrático em direção a uma aproximação consistente de teorias.

**Estado:** Os psicanalistas parecem não gostar muito dessa história...

**Staats:** Não me meta em problemas éticos. Admiro enormemente Freud, mas a sua psicanálise ficou parada no tempo. Esse é o seu ponto fraco. Ora, precisamos caminhar. No Brasil e na Argentina, noto que a psicanálise exerce atualmente mais influência do que nos Estados Unidos e na Europa. O problema é que ela não está interessada em criar bases científicas para as suas descobertas. Além disso, os psicanalistas gostam de viver divididos. Se continuarem assim, ficarão estagnados num estágio primaríssimo de ciência.